

Do conhecer ao brincar na África

From knowing to playing in Africa

De la connaissance jouer dans l'Afrique

Patrícia VINCENZI

Thatiane KAUFMAN

RESUMO

Este depoimento se refere ao trabalho realizado sobre as questões da África em uma classe de 1º ano de uma escola particular de São Paulo.

Palavras-chave: África, Educação, Jogo e Cultura.

ABSTRACT

This report refers to an activity about Africa that was developed in a 1st grade classroom in a private school of Sao Paulo.

Index terms: Africa, Education, Game and Culture.

RÉSUMÉ

Ce témoignage concerne le travail fait dans une classe de CE1, d'une école privée à São Paulo, ayant pour objectif les besoins d'Afrique.

Mots-clés: Afrique, Éducation, Jeux et Culture

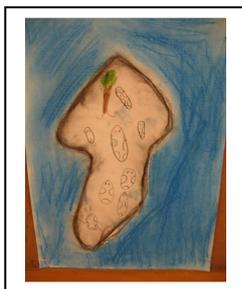
Este trabalho é uma tentativa de transposição didática, fruto de “espaço de criação” coordenado pela professora doutora Nilce da Silva no ano de 2008. Tal “espaço” teve como um de seus objetivos propiciar momentos de reflexão a respeito da formação do profissional da área da educação, no sistema escolar de ensino, uma vez que, depois da aprovação

da Lei 10.639 de 2003, o estudo da história das culturas africanas e afro-brasileiras no Ensino Fundamental e Médio tornou-se obrigatório.

Desta forma, esta formação, para muitos de nós, em serviço, permitiu que professores-estudantes da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) fizessem uma seqüência didática - a partir dos estudos realizados sobre culturas africanas e colonização portuguesa em “espaço de criação” - para nossos próprios alunos ou para um grupo de crianças ou jovens de alguma escola na cidade de São Paulo. No caso do nosso trabalho, objeto deste depoimento, a transposição ocorreu em uma classe de 1º ano de uma escola particular de São Paulo.

Nosso primeiro passo foi o levantamento do conhecimento prévio dessas crianças sobre África. Assim, por meio de uma “roda de conversa”, as crianças falaram sobre o que elas sabiam sobre o continente africano. Obtivemos: “Na África tem bichos” [sic], “Têm índios” [sic], “Lá tem bastante árvores e muitas plantas” [sic], “Tem hotel lá” [sic], “Os índios africanos usam tatuagens que não saem do corpo” [sic], “Lá tem uma cobra que parece pau” [sic], “Tem uma parte da África que é só laranja, que é o deserto” [sic], “É o maior deserto do mundo” [sic], “Lá é muito quente, tem muito sol” [sic], “É muito quente lá e à noite é muito frio” [sic], “Lá na África, faz mais sol do que chuva” [sic] e, ainda, “Têm várias espécies de animais” [sic].

Feito isto, pedimos às crianças que registrassem algumas de suas hipóteses por meio de desenhos. Estes são alguns exemplos:



Pudemos então observar, por meio destas expressões gráficas das crianças, que elas possuíam um conhecimento prévio sobre o tema, o que foi muito positivo na medida em que nos possibilitou um maior aprofundamento de estudo no que diz respeito às questões culturais como comida, culinária, dança e as riquezas regionais.

Mesmo assim, fizemos a apresentação inicial sobre o continente africano que envolveu, primeiramente, a localização do continente africano no mapa do mundo. A partir disso, começamos a detalhar o trabalho observando e destacando quais eram os países que compunham a África e algumas particularidades de alguns deles. Foi trabalhada, de modo geral, a localização de cada país e também um pouco da alimentação, clima, vegetação, animais, dentre outros aspectos, dos mesmos. Neste sentido, a *internet* foi uma ferramenta muito importante já que, por meio dela, encontramos as peculiaridades de cada país.



Seguindo os procedimentos do trabalho, debatemos com o grupo de alunos quais eram os interesses de estudo deles na perspectiva apontada. Obtivemos então os seguintes apontamentos:

Criança 1: “Quero aprender sobre os bichos” [sic].

Criança 2: “Tem muito sol, como é o tempo lá?” [sic].

Criança 3: “Quero saber sobre as plantas e como faz a comida lá” [sic].

Criança 4: “Sobre as florestas e os desertos” [sic].

Criança 5: “Se dá para viver andando pelo deserto”[sic].

Criança 6: “Que línguas eles falam? Será que é igual a nossa?” [sic].

Criança 7: “Quero aprender sobre o mar” [sic].

Criança 8: “Sobre as árvores” [sic].

Criança 9: “Como eles fazem as tintas para as tatuagens?” [sic].

Criança 10: “Quero aprender sobre as máscaras” [sic].

Essas perguntas refletem um pouco o que foi explicado durante a exposição geral que fizemos. Entretanto, questões como a da criança 6 sobre a língua de alguns países africanos nos surpreenderam, uma vez que apenas dissemos que, em certos países, como Angola e Moçambique, algumas pessoas falavam a nossa língua, o português; já, quanto aos demais, não tínhamos o conhecimento necessário para bem lhe responder. Isso nos mostrou o encantamento das crianças por descobrir que além do Brasil, outros países falam a nossa língua, e estes países poderiam estar muito longe daqui e o quanto da África nos é desconhecido!

Conversamos sobre a presença de florestas, desertos, produtos típicos de cada região, músicas locais, o clima, a população e, também, conhecemos o nome de diversos países africanos. Na medida em que passávamos por estes países, as crianças nos diziam se elas já haviam ouvido falar ou não a respeito deste país; se sim, o quê. Surgiram comentários como: “Do Quênia, vem muitos atletas corredores!” [sic], “No

Egito tem pirâmide!” [sic], “O deserto do Saara fica perto da Argélia” [sic], “Bom, então em Angola e Moçambique eles falam português igual a gente”, “Já ouvi falar que na Etiópia algumas pessoas passam fome” [sic]. Comentários como esses mostram como a África é exposta e debatida através dos meios de comunicação, porém, muitas vezes, não por um lado positivo, e sim, apresentam-se, apenas, as suas dificuldades.

Durante uma aula, com o uso de vídeo, resolvemos mostrar às crianças um vídeo sobre uma dança típica de Angola, o Kizomba. Eles amaram e repararam o quanto o estilo musical se assemelha ao nosso. Isso fez com que as crianças nos pedissem para conhecer um pouco dos instrumentos musicais africanos, uma vez que, nesta escola eles possuem aula de Música em que têm contato com diversos instrumentos.

Dentre os instrumentos apresentados, citamos: o agogô, a kalimba e o caxixi. As crianças aproveitaram bastante o contato com os instrumentos. A grande maioria quis experimentá-los e tocá-los. Algumas crianças lembraram da capoeira e a relacionaram com a África.



Tivemos também a oportunidade de experimentar alguns alimentos que originalmente vieram da África. O inhame foi um dos nossos exemplos, este produto agrícola é originário da África e foi trazido pelos portugueses

das Ilhas de Cabo Verde e São Tomé para o Brasil. Seu nome provém de uma palavra de origem senegalesa que significa “para comer”. Na escola, cozinhamos o inhame e comemos com um pouco de manteiga. O gosto saiu do tradicional das crianças, mesmo assim, algumas gostaram!



Como citamos anteriormente, planejamos um jogo de tabuleiro para as crianças como produto final desta transposição didática. As crianças amaram a idéia. Partimos então para definir algumas regras; como já estabelecemos o “formato” do tabuleiro - os limites do continente africano - o restante seria feito através do nosso auxílio, mas totalmente definido pelas crianças.

Surgiram então os levantamentos iniciais como: “A divisão do tabuleiro será como?”, “Vamos utilizar roleta ou dados?”, “Quantos participantes poderão jogar em uma mesma rodada?”, e assim por diante. Após muita conversa, definimos que seria um jogo de percurso, as casas seriam nomeadas pelos países estudados, quatro participantes poderiam jogar em uma mesma rodada e o número de casas a serem andadas seria definido pelo lançar do dado. Ganha o jogo quem chegar mais rápido na ilha de Madagascar.

O número de países escolhidos foram 11, são eles: Marrocos, Argélia, Serra Leoa, Gana, Líbia, Egito, Etiópia, Angola, África do Sul, Quênia, Moçambique e Madagascar. Cada casa possuía pontos de sorte e de

azar que faziam com que o participante avançasse ou retrocedesse. Para que todo o estudo sobre a África fosse utilizado, pegamos as particularidades de cada país para montar as regras do jogo. Por exemplo: se um participante cair Angola, ele terá duas opções: sorte ou azar, o que definirá qual opção será lida é a roleta. Se cair em azar, ele lerá a seguinte informação: “Você está um pouco cansado e com fome, descanse um pouco e fique uma rodada sem jogar”. Já, se cair em sorte: “Você só fala a língua portuguesa. Ainda bem que todos entendem, avance até Moçambique!”.

Esse jogo permitiu que, de uma forma lúdica, as crianças assimilassem ainda mais o que foi estudado sobre a África. Hoje, elas se sentem mais seguras quanto ao assunto e, além do mais, viram o quanto a nossa cultura se assemelha em alguns aspectos à africana. Foi uma experiência muito prazerosa tanto para as crianças quanto para nós.

Autoras

Patrícia Vincenzi

Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da USP

Contatos: paty_vincenzi@hotmail.com

Thatiane Kaufman.

Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da USP

Contatos: thatykaufman@yahoo.com.br

Como citar este depoimento:

VINCENZI, Patrícia e KAUFMAN, Thatiane. **Do conhecer ao brincar na África**. Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 6, 2009. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Publicado em: março 2009.

Recebido em junho de 2008/ Aprovado em julho de 2008



Sede da Edição: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – Av da Universidade, 308 - Bloco A, sala 111 – São Paulo – SP – Brasil – CEP 05508-040. Grupo de pesquisa: Acolhendo Alunos em situação de exclusão social e escolar: o papel da instituição escolar.

Parceria: Centro de Recursos em Educação Não-Formal de Jovens e Adultos – CRENF – FacEd – UEM – Prédio da Faculdade de Letras e Ciências Sociais – Segundo Piso - Gabinete 303 – Campus Universitário Maputo, Moçambique, África

Março – Agosto de 2009 – Ano III – N.º. 006